

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

# G BOLETIM GOIANO de Geografia

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS

---

VOL. 15 - N.º 1 - JAN./DEZ. 1995

# TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO\*

Rogério Botelho de Matos\*\*  
Miguel Angelo Campos Ribeiro\*\*\*

## RESUMO

Este estudo delimita e analisa espaços de atuação da prostituição em seus diversos perfis, a saber: prostitutas, “michês” (rapazes de programa) e travestis, que atuam em ruas da área central do Rio de Janeiro, em diferentes horas do dia.

Nas pesquisas empreendidas para o desenvolvimento deste estudo e com base, tanto em nível empírico quanto em fontes informais e bibliográficas, foram selecionadas áreas a serem investigadas e que são marcadas pela prostituição em seus diferentes conteúdos e significados.

---

\* Os autores expressam agradecimentos ao amigo João Baptista Ferreira de Mello, apesar das incompatibilidades epistemológicas, no que se refere às discussões, trocas de idéias e leitura crítica na elaboração deste artigo, e a Roberto Lobato Corrêa, pela leitura do texto final, pelas valiosas sugestões e críticas. As eventuais imperfeições verificadas e conceitos emitidos são de inteira responsabilidade dos autores.

\*\* Geógrafo - IBGE/Departamento de Geografia - Rua Paulo Fernandes, 24, 2.º andar, CEP 20271-300, Rio de Janeiro-RJ.

\*\*\* Geógrafo IBGE/Departamento de Geografia e doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rua das Laranjeiras 43, apto. 1606, CEP 22240-000, Rio de Janeiro-RJ.

Nesses territórios, podem-se identificar singularidades e especificidades que os legitimam, dentro do contexto da prostituição, como verdadeiros “territórios do medo” e da segregação pois, assim como em outros espaços da vida social, coexistem estilos de vida e práticas sociais diversas.

---

**UNITERMOS:** Territórios / Territorialidade / Prostituição / Área Central do Rio de Janeiro

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A área central do Rio de Janeiro individualiza-se pela concentração de atividades comerciais, de serviços, das gestões pública e privada e pelos terminais de transportes intra-urbanos e inter-regionais. O núcleo central da cidade em função de seu crescimento vertical possui numerosas construções imponentes, nas quais se encontram os escritórios da gestão e comando de empresas dos setores comercial e financeiro da cidade, sua hinterlândia e de todo país; detendo, por conseguinte, um enorme afluxo de pessoas que circula por suas artérias durante o dia. À noite, ao contrário, “as ruas estão praticamente desertas, constituindo outro ambiente, que em certos setores do núcleo central, junto à área de diversões, torna-se mal afamado para parcela considerável dos transeuntes diurnos do núcleo central” (Corrêa, 1993, p.27).

Enquanto o núcleo central se destaca pelo seu dinamismo, pelo volume das transações e negócios ligados aos setores comerciais, de serviços e de gestão, o mesmo não pode ser dito da zona periférica do centro, localizada em seu entorno. A maior parte de sua paisagem é marcada por terminais de transportes, depósitos diversos, pensões, unidades fabris, lugares de diversão e construções do início do século, algumas servindo de moradia para numerosas famílias de baixa renda e homens solteiros.

Durante o dia estes dois espaços antagônicos da área central do Rio de Janeiro caracterizam-se pelo grande deslocamento de pessoas. À noite, porém, esse conteúdo modifica-se, com o surgimento, notadamente, de uma população tida como marginal e voltada para atividades concernentes à economia informal. Muitas vezes, esta população “marginal” mistura-se com boêmios, intelectuais, políticos, militares, “crentes”, homossexuais,

bem como pessoas que se dirigem aos estabelecimentos de diversão, como os teatros e os cinemas da Cinelândia, além do vai-e-vem dos transeuntes e marinheiros de diversas nacionalidades que povoam a área portuária, sobretudo a praça Mauá.

## **2. A PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO: PASSADO E PRESENTE**

Até 1830, os poucos acontecimentos que quebravam a monotonia da sociedade do Rio de Janeiro consistiam em ladainhas, novelas e festas de santos. Porém, a partir de 1850, quando as primeiras levas de imigrantes aportaram na cidade, os costumes, a moral e o próprio ritmo do Rio de Janeiro modificaram-se. Segundo Menezes,

a imigração para o Rio de Janeiro, majoritariamente portuguesa, caracterizou-se pela grande presença de homens sós. Esta imigração urbana específica distanciava-se, em muito, daquela verificada nas regiões rurais de outros estados, para os quais se deslocavam famílias inteiras, na busca de um pedaço de terra que pudesse garantir-lhes a sobrevivência. Muito comum foi, na cidade, a presença de adolescentes que migravam chamados por parentes, dono de alguma casa comercial, para se empregarem como caixeiros, verdadeiros agregados urbanos, a sustentarem, com seu trabalho, os botequins e armazéns de secos e molhados que cobriam a cidade (Menezes, 1922, p. 25).

Este grande contingente de homens sós abriu espaço para o mercado da prostituição do baixo meretrício, onde o principal “artigo” em exposição e consumo eram, inicialmente, escravos-de-ganho de ambos os sexos. O estabelecimento da nova aristocracia do café na cidade obrigou a Coroa brasileira a financiar a imigração de prostitutas de luxo européias, possibilitando a expansão dos lazeres noturnos. Nas palavras de Soares (1992, p.27-30), a maioria dessas “rameiras” era de origem portuguesa (ilhoas ou açorianas), polonesa e austro-húngara, que a partir de 1850, foram divididas em duas categorias, as clandestinas e as públicas.

A chamada prostituição clandestina era conhecida por essa terminologia porque, de modo geral, os homens e mulheres não viviam

exclusivamente dessa atividade. Essa categoria era constituída, em sua maioria, por escravos-de-ganho, que se prostituíam com o objetivo de oferecer lucro ao seu “dono” e “senhor”.

As meretrizes públicas subdividiam-se hierarquicamente em três ordens: as de primeira (as “francesas”) eram constituídas basicamente por estrangeiras e umas poucas fluminenses que exerciam legalmente a atividade em sobrados localizados no espaço onde se encontra atualmente a área central da cidade. As “francesas” tinham como principais clientes os homens da aristocracia cafeeira e os da nobreza nacional. As de segunda ordem estavam espalhadas por toda a cidade e se compunham, principalmente, de negras e portuguesas (ilhoas). A prostituição de terceira ordem era considerada a de mais baixa categoria porque as “rameiras” viviam em casebres mal construídos e insalubres e tinham por hábito se entregar a qualquer um, inclusive para as pessoas de baixa condição social e “moral”.

O toque de refinamento europeu, segundo Menezes

manifestava-se na presença das meretrizes francesas, no vocabulário e na ambientação franceses, nos figurinos e adornos franceses. Iniciar-se na arte do amor pelas mãos experientes destas ‘francesas’, tornou-se símbolo de modernidade e de refinamento dos costumes, o que não podia ser dito com relação às portuguesas e mulheres oriundas da Europa centro-oriental. Progresso e prazer tornaram-se símbolos de um novo mundo e de um novo viver, nos quais determinadas imagens produzidas atingiram o imaginário coletivo, impondo-se para durar (Menezes, p.27) .

Outro grupo de prostituição existente na cidade do Rio de Janeiro do século XIX era a masculina. Seus personagens, segundo Bacelar (1982), eram conhecidos por “sodomitas” que podiam ser encontrados com mais freqüência nas portas de teatros, casas de bilhar, botequins, cafés, praças públicas e lugares escuros e pouco freqüentados.

No decorrer do século XX, a prostituição apropriou-se de diversas porções dos espaços públicos da área central. Nas palavras de Menezes em um

espaço que ia da Glória ao Catumbi, e as ruas centrais da cidade à praça da República e ao Mangue encontravam-se inúmeras 'casas' nas quais os homens se iniciavam na vida sexual, satisfaziam suas fantasias e desejos, recuperavam-se de tristezas e reuniam-se com outros homens e mulheres em noitadas alegres, tão ao gosto da época. Políticos, artistas, intelectuais, policiais e trabalhadores eram clientes nestes espaços 'tolerados' pela sociedade como garantia de paz e saúde social (Menezes, p. 103).

Atualmente, ela ocorre em vários bairros da cidade, podendo ser encontrada em ambientes fechados como bares, boates, *dancings*, saunas, cinemas e outras opções de lazer; como também, em ambientes abertos como os locais de passagem, as praças, esquinas, ruas, terminais de ônibus, ferrovias e/ou portos, constituindo verdadeiros territórios, nos diferentes espaços públicos não só da metrópole carioca, como também nas demais cidades mundiais.

Na área central do Rio de Janeiro, observa-se a coexistência de múltiplos usos, tornando-a uma representante-síntese da própria cidade. Nesta porção do espaço urbano carioca, forma-se um verdadeiro caleidoscópio, em que diferentes territórios coexistem, em um processo de contração e expansão. Em outras palavras, a área central, lugar de coexistência e mudanças no dia-a-dia, é o palco onde se realizam profundas relações de seus variados conteúdos sócio-espaciais e, portanto, propícia ao desenvolvimento, até mesmo, de atividades ligadas à prostituição. O fenômeno repete-se em outros bairros do Rio de Janeiro, formando outras territorialidades, como no caso das imediações da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, algumas estações do subúrbio, como Madureira, e na zona oeste, como Campo Grande, além da orla de Copacabana, Ipanema, Leblon, e, atualmente, na Praia de Botafogo.

No núcleo central e zona periférica do centro, de segunda a sábado, durante o horário diurno, ocorrem os maiores fluxos de veículos e pessoas que trabalham nas atividades comerciais, de serviços e de gestão, bem como as que consomem esses produtos e serviços, criando ambiente para o desenvolvimento da prostituição. À noite e de madrugada e, principalmente, nos finais de semana e feriados, esses ambientes dinâmicos se transformam e se fragmentam em diversas territorialidades de excluídos

pela sociedade, surgindo, assim, diferentes territórios, tais como dos catadores de papel, dos sem-teto, dos menores de rua, dos guardadores de carro (os “flanelinhas”), entre outros, superpostos muitas vezes com o da prostituição, constituindo verdadeiros “territórios do medo”, em decorrência da violência praticada pelos diferentes grupos atuantes nesses territórios, além da atuação da polícia, que exerce ora papel repressor, ora de extorsão.

### **3. OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DA TERRITORIALIDADE: O CASO DA PROSTITUIÇÃO**

Este trabalho, de caráter exploratório no âmbito da geografia brasileira, aborda um assunto de certa familiaridade para antropólogos, sociólogos e historiadores. Neste estudo procura-se delimitar e analisar os espaços da atuação de um segmento marginal da sociedade, o da prostituição em seus diversos perfis, a saber: prostitutas, “michês” (rapazes de programa) e travestis.

A título de exemplificação e extensão do fenômeno, pode-se dizer, com base em matéria publicada na revista *Veja* (n.º 11, de 16/3/94), que “o Rio é o recordista em michês e o campeão de um pornoturismo particular, o homossexual” (p.71) e que “o Rio tem 1.000 michês, na baixa estação de turismo, a 4.000, nos meses de novembro a março, Carnaval e alto verão quando correm para cidade michês de todo o Brasil e até da América Latina” (p.72). A reportagem, genérica e preconceituosamente, afirma que os “michês”, são, em sua maioria, “pobres e fedorentos”.

Atualmente, o termo “michê” possui dois sentidos. Um primeiro diz respeito a quem se prostitui, sendo geralmente jovens que não abdicam “dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente” (Perlongher, 1987, p.17). Enquanto um outro, refere-se ao cliente, que utiliza como gíria “fiz um ‘michê’”, para expressar a consumação do ato sexual da prostituição.

Para que esse mundo do jogo, do risco permanente e da supressão incessante possa existir, há uma necessidade de uma ambiência para o

exercício de sua atividade. Essa ambiência é demarcada por limites de uma territorialidade, definida como uma tentativa individual ou de grupo, “de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, delimitando e assegurando o controle sobre uma área geográfica” (Sack, 1986, p.19). Assim, uma rua, um conjunto de ruas ou um lugar passam a ser um território durante um certo período de tempo. Isso acontece porque o indivíduo ou um determinado grupo de pessoas, ao se apoderar de um local, formaliza um território. Mas para que este território possa existir como tal é necessário um esforço constante para seu estabelecimento e manutenção.

O território pode ser também apropriado pelo grupo que exerce o seu controle para conter o acesso de indivíduos a um determinado local. Ou seja, a territorialidade “é uma estratégia de estabelecer diferentes graus de acesso a pessoas, coisas e relações” (Sack, op. cit., p.20). Isto ocorre porque a função da territorialidade, segundo Soja (1993, p.183), é “segregar e compartimentalizar a interação humana, controlando a presença/ausência e a inclusão/exclusão” de determinados grupos.

A demarcação das fronteiras invisíveis nos espaços públicos acontece de forma simbólica, combinando uma direção no espaço e a legitimação de sua posse. A apropriação de determinadas ruas na área central carioca pelos “mercadores do sexo” existe em função da especialização dos territórios, surgindo, assim, diferentes áreas para as prostitutas, “michês” e travestis. Aproveitando-se livremente das idéias de Raffestin (1993, p.160), estes territórios possuem uma dinâmica porque “a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível”. Ainda, segundo o mesmo autor, a “territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações” (p.161). Nesse sentido, cada grupo de prostituição segrega seu próprio território, defendendo-o, algumas vezes, da ameaça de invasão de outros tipos de “mercadores do sexo” e de outros atores sociais, criando verdadeiros “territórios do medo”. Nessas áreas a dimensão espacial e o controle territorial são peças-chaves para se obter poder, pois como lembra Machado (1992, p.91), “conquistar espaço é conquistar poder”.

A prática da prostituição é, na realidade, uma relação de poder, porque as pessoas que ganham a vida prostituindo-se estabelecem um território onde se desenvolve esta atividade.

O espaço se torna um território de um ator desde que tomado como uma relação social de comunicação. Este espaço é representado pelos locais de prostituição, onde seus atores (prostitutas, “michês” ou travestis, bem como eventuais clientes), se concentram e vivenciam-no em um determinado período de tempo.

No entendimento de Raffestin (op. cit., p.158), a territorialidade reflete assim “a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade”. Desta maneira, e aproveitando livremente as palavras de Foucault (citado por Soja, op. cit., p.183), a segregação entre grupos de prostituição é um produto da “instrumentalidade do espaço-poder-saber e formam a base para espacializar e temporalizar o funcionamento do poder”. Para Raffestin, esta territorialidade pode ser definida, então, como “um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem” (p.159).

Há uma superposição de territórios entre os espaços públicos, principalmente, naqueles locais onde se situam grandes aglomerações de pessoas. As áreas de passagem, as estações rodoviárias, ferroviárias ou portuárias, os bares e restaurantes, apresentam grande movimento de indivíduos, sendo, assim, um chamariz para a prostituição. A população estigmatiza estes territórios mal vistos por vários topônimos, como por exemplo, Boca do Lixo e Galeria Alaska, em Copacabana, Via Ápia, na área central do Rio, entre outros. Estes territórios de busca ao cliente caracterizam-se por serem áreas demarcadas onde a(o) prostituta(o) pode exercer um controle sobre as mesmas, tanto de dia quanto à noite, ou um controle parcial no cotidiano de algum período de tempo, ou mesmo, somente em feriados e fins de semana. Ou seja, um “lugar pode ser um território em um determinado momento e não ser mais em outro, o que significa que o território pode criar-produzir um lugar” (Machado, op. cit., p.95). Para que estes lugares possam existir como territórios faz-se necessário que haja o domínio sobre os mesmos, não envolvendo somente

uma ação no momento atual, mas também uma ação futura por parte dos indivíduos ou grupos que estejam exercendo o controle sobre a área, fazendo com que o território adquira a propriedade de se tornar “elástico”.

A partir dos conceitos emitidos por Sack, Soja, Raffestin e Machado e através da experiência dos autores, procura-se neste artigo conceituar os territórios da prostituição como a apropriação, durante um certo período de tempo, de uma rua ou um conjunto de ruas por um determinado grupo de prostitutas, “michês” e travestis, que através de uma rede de relações, da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade, estruturada, outrossim, através da violência explícita, principalmente entre as prostitutas e os travestis que utilizam, entre outros, objetos cortantes para defender seus “pontos” daqueles que tentam invadi-los. No caso dos “michês”, atos simbólicos, tais como o gestual de sua virilidade, entre outros, o órgão genital seguro em suas mãos, constitui-se no código utilizado para atrair a clientela, bem como para legitimar o território.

#### 4. OS TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO: UMA ANÁLISE

A área central do Rio de Janeiro tem sofrido, ao longo deste século, sucessivas transformações que modificaram muitos dos antigos territórios da prostituição, alguns se retraíram, outros desapareceram por completo, e outros ainda surgiram em diversas áreas. Atualmente eles se disseminaram pela cidade, principalmente no núcleo central e na periferia imediata. Assim sendo, são as seguintes as áreas selecionadas para investigação, marcadas por diferentes conteúdos e significados, além da prostituição:

- (1) o entroncamento metrô-rodô-ferroviário da Central do Brasil e imediações;
- (2) a área de passagem e ponto final de linhas de ônibus da praça Tiradentes e início da avenida Passos;

- (3) a área de lazer, de passagem, arena política e centro financeiro e cultural formado pelo Passeio Público e Cinelândia;
- (4) a área residencial, de passagem e de casas de espetáculo da Lapa e ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca, que nas últimas décadas, tem assistido uma reurbanização constante;
- (5) a área de passagem da praça Paris e avenida Augusto Severo;
- (6) a área de passagem e entroncamento hidro-rodoviário do Castelo e Via Ápia; e
- (7) a zona portuária da praça Mauá.

O Quadro 1, a seguir, procura explicar os conteúdos predominantes e os diferentes tipos de prostituição para as sete áreas selecionadas.

#### **4.1. Central do Brasil e imediações**

As fronteiras invisíveis deste território se estendem por trechos das ruas Barão de São Félix, Senador Pompeu, Marcílio Dias, Bento Ribeiro, Presidente Vargas e Visconde do Rio Branco e pela praça da República (Campo de Santana). Constitui área de passagem, em função da Estação Ferroviária D. Pedro II (conhecida popularmente como Central do Brasil), do Terminal Rodoviário Américo Fontenelle, que interligam a Baixada Fluminense ao centro da cidade, e uma estação de metrô que facilita o acesso de pessoas às zonas sul e norte. Este espaço é servido, também, por uma área verde para o lazer (Campo de Santana), muitos bares (inclusive “biroskas”), barracas de ambulantes que comercializam um pouco de tudo, um hospital (Souza Aguiar), o antigo Ministério do Exército (Palácio Duque de Caxias), os museus do Palácio de Itamarati, do Exército e de Deodoro, um quartel do Corpo do Bombeiros e uma gafieira (Elite), além da concentração de escolas e faculdades.

## QUADRO 1 TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO

Espaços públicos	Conteúdos predominantes					Tipos de prostituição predominante		
	Atividades Terciárias			Terminal de transportes (3)	Residencial	Feminina	Masculina	Travesti
	Lazer (1)	Hotéis de alta rotatividade	Outras atividades (2)					
Central do Brasil imediações	* o	Δ	* o	Δ	Δ	* o	* o	—
Praça Tiradentes e início da av. Passos	* o	Δ	* o	Δ	—	*	—	—
Passeio Público e Cinelândia	* o	Δ	*	Δ	—	* o	* o	—
Lapa e ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca	* o	Δ	*	—	Δ	o	—	o
Praça Paris, av. Augusto Severo e imediações	* o	Δ	*	—	Δ	—	—	o
Castelo e Via Ápia	*	—	* o	Δ	Δ	—	o	—
Praça Mauá	* o	Δ	*	Δ	Δ	* o	—	—

## NOTAS:

- (1) Cinemas, teatros, bares, restaurantes, boates, ambulantes, praças e áreas verdes;  
 (2) Instituições financeiras, órgãos culturais, de comércio, de serviços públicos e outros (inclusive ambulante);  
 (3) Terminais rodoviário, ferroviário e/ou hidroviário.

Legenda: \* Dia; o Noite; Δ Presença; — Ausência.

Este antigo e tradicional território da prostituição sofreu, ao longo do século XX, uma retração em suas fronteiras, devido à repressão policial e à demolição de inúmeras casas destinadas, exclusivamente, a essa atividade. Atualmente, é área constituída por prostitutas e “michês”, que buscam, diariamente, os clientes que transitam por suas ruas. No Campo de Santana, durante todo o dia até às dezoito horas (quando fecha), o tipo predominante é o da prostituição masculina (“michês”), enquanto nas imediações da estação ferroviária, há o predomínio da prostituição feminina (em sua maioria negras), apesar de também aparecerem os “michês”. O principal chamariz para esta concentração de prostitutas e “michês” é o grande número de usuários dos meios de transportes, que são clientes em potencial.

Complementando esses locais abertos há, também, espaços fechados, como os hotéis exclusivos para cavalheiros, os de alta rotatividade e os banheiros do Terminal Ferroviário da Central do Brasil (onde também acontece a prostituição masculina). Segundo reportagem realizada por Barsetti (7/4/94), trata-se de uma das áreas de mais alto grau de perigo no tocante à prostituição masculina no Rio de Janeiro. Os “michês”, prostitutas e clientes que freqüentam esse território caracterizam-se por um poder aquisitivo muito baixo.

#### **4.2. Praça Tiradentes e início da avenida Passos**

A praça Tiradentes e o início da avenida Passos formam um dos mais antigos e conhecidos territórios da prostituição feminina do Rio de Janeiro. No passado, abrangia uma territorialidade maior, ocupando partes de logradouros até atingir a zona do Mangue onde se encontra, atualmente, a Cidade Nova. Hoje restringe-se a trechos da praça Tiradentes e início da avenida Passos e partes das ruas da Constituição e Luís de Camões. Nessa tradicional área de lazer da cidade, concentram-se teatros, como o Carlos Gomes e o João Caetano, o posto da TELERJ, restaurantes, gafieiras, bares e lojas de comércio em geral. A grande maioria dos estabelecimentos funciona em um conjunto arquitetônico típico das últimas décadas do século XIX. Nesse contexto, a praça Tiradentes se

destaca, também, principalmente, durante o dia, pelo grande fluxo de pessoas que se dirigem aos pontos finais de ônibus municipais. Trata-se de área tradicional na prostituição feminina e se desenvolve cotidianamente, durante dia e noite, com a presença de hotéis de alta rotatividade que se estendem até a rua Gomes Freire e adjacências apresentando, assim, suporte à atividade em questão. De uma maneira geral, a existência e sobrevivência desses hotéis “baratos” ocorre em função das prostitutas locais, que se dirigem a esses estabelecimentos em companhia de seus clientes tradicionais e/ou “caçados” nas ruas. Conforme explicitado anteriormente, esse território configurou-se, desde o século passado, e sua continuidade legitimou-lhe a presença, coexistindo pacificamente prostitutas e demais segmentos sociais.

Nesse território dominado, na maior parte do tempo, por prostitutas, existem lugares segmentados para cada tipo. As mais velhas, que não lucram tanto com a prática da prostituição, tendem a ocupar com maior frequência a avenida Passos, enquanto as adolescentes e as de meia-idade procuram se concentrar nas ruas em torno da praça Tiradentes, preferencialmente do lado esquerdo da calçada. A escolha do lado esquerdo se justifica pela facilidade da troca de comunicação entre o freguês motorizado e a prostituta.

O centro da praça Tiradentes tem sido também um espaço tradicional de travestis, que ocupam a área, notadamente, de madrugada, constituindo um outro território vizinho (e oposto) ao da prostituição feminina.

### 4.3 - Passeio Público e Cinelândia

O território da prostituição do Passeio Público e Cinelândia, conhecida também como a antiga *Brodway* carioca, é formado por trechos das ruas do Passeio, das Marrecas, Senador Dantas e Evaristo da Veiga, avenida Rio Branco e pelas praças Mahatma Gandhi e Floriano (Cinelândia).

A rua do Passeio se destaca pela presença de alguns pontos finais de ônibus municipais, que interligam, em sua maior parte, o centro da

cidade aos bairros das zonas norte e oeste. Outro ponto do embarque e desembarque de passageiros é a estação do metrô da Cinelândia. A antiga *Brodway* carioca concentra numerosas opções de lazer tais como cinemas, bares e restaurantes, uma área verde (Passeio Público), os teatros Municipal, Dulcina, Rival e Brigitte Blair II, Museu de Belas Artes, Biblioteca Nacional, Câmara Municipal, Secretaria de Educação, Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sede do Automóvel Clube do Brasil, muitas agências bancárias oficiais e privadas, vários prédios e lojas comerciais, a loja de departamentos Mesbla-Passeio, entre outras.

Essas muitas opções de lazer e o grande movimento diário de pessoas contribuíram para o surgimento desse território, com a presença da prostituição masculina e feminina durante o dia e a noite. A confluência das ruas das Marrecas e do Passeio é dominada, exclusivamente, por prostitutas, tratando-se, conseqüentemente, de uma rua tradicional nesse tipo de prostituição. Durante o dia, as “mulheres de vida fácil” buscam seus prováveis clientes entre os pedestres; quando o “negócio” é concretizado, dirigem-se aos hotéis de alta rotatividade dos arredores.

Em contrapartida, a rua do Passeio (nas proximidades da praça Mahatma Gandhi) e a praça Floriano são domínios da prostituição masculina, principalmente em frente aos cinemas Palácio, Odeon e Metro Boa Vista. Entre as décadas de 60 e 70, esse território era bem mais extenso e ligava-se a outra área que abrangia as imediações da rua São José e avenida Rio Branco. Atualmente, alguns “michês” preferem fazer “ponto” no interior dos jardins do Passeio Público, onde expõem seu corpos sobre bancos e recantos desta área verde do centro da cidade, a fim de serem apreciados pelos prováveis clientes, ou mesmo, nas áreas internas da loja de departamentos da Mesbla-Passeio e da estação do metrô Cinelândia.

O Passeio Público, até a década de 70, era território exclusivo da prostituição masculina na área central do Rio de Janeiro. Por volta dessa época, porém, a área esvaziou-se devido às obras para a construção do metrô. Mais tarde, essas áreas foram ocupadas por prostitutas que, assim, retomaram seu antigo território, até fins da década de 80, mesclando-se prostitutas e “michês”. Os anos 90 marcam o aumento da insegurança

e da violência nas áreas próximas ao Museu Histórico Nacional, Santa Casa de Misericórdia e imediações (conhecida popularmente no mundo *gay* como Via Ápia) deslocando muitos michês que faziam “ponto” naquela área, principalmente, para a área do Castelo e para a Cinelândia, reocupando e revalorizando esse antigo território da prostituição masculina.

#### **4.4. Lapa e ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca**

Parte da Lapa e trechos das ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca formavam território conhecido pela prática da prostituição desde o final do século XIX, pela presença de inúmeros prostíbulos, onde atuavam as prostitutas estrangeiras traficadas, em sua maioria, da Europa centro-oriental. No início do século XX, segundo Menezes (op. cit.), houve violenta repressão policial nesse território, com a expulsão, inclusive, de muitos cafetões e cafetinas, mas, mesmo assim, a área não diminuiu em importância no cenário da prostituição.

Entretanto, a época de ouro da Lapa situa-se em torno de 1910, quando ocorrem os primeiros casos passionais e da boemia desenfreada. Por suas ruas, bilhares, bares, cassinos-concertos e cabarés, circulavam os malandros e os otários. Durante o Estado Novo, a malandragem da Lapa foi perseguida por aparato policial e político, culminando com a descaracterização social do bairro. Entretanto, por volta de 1950, surge o “gueto” dos travestis, confinados praticamente nessa zona, pois se saíssem deste território se arriscavam a ser surrados ou presos. Esta violência imposta a um grupo por uma sociedade que não admitia a existência de diferentes padrões sociais, justificava-se como uma forma de preservar a moralidade e os bons costumes da área central. Os travestis para sobreviver, durante esse período, trabalhavam basicamente em certas casas de *shows* localizadas na área, caso do cabaré Casanova, existente e em atividade até hoje.

O brilhantismo da Lapa já faz parte da história da cidade e, após inúmeras reformas urbanas, esse bairro da periferia do Centro se tornou um local de obsolescência, habitado por antigos moradores, pessoas

descapitalizadas à procura de aluguéis baixos, ladrões e marginais, que convivem cotidianamente com duas territorialidades de prostituição, a feminina e a de travestis. O território da prostituição feminina se confina somente às ruas Mem de Sá e Frei Caneca, no trecho compreendido a partir das praças da Cruz Vermelha e da República e em pequeno trecho da rua Riachuelo, próximo aos Arcos da Lapa. Já o território dos travestis encontra-se localizado na rua Mem de Sá, entre os Arcos da Lapa e a rua dos Inválidos. O interessante a observar é o sentido diametralmente oposto desses territórios, pois enquanto o dos travestis localiza-se no trecho inicial da rua Mem de Sá, o das prostitutas situa-se no seu final, onde estão concentrados os hotéis de alta rotatividade. Cabe mencionar que tais territórios são apropriados somente do lado esquerdo das referidas ruas. Diariamente, a partir das dezenove horas, os festivos travestis e as “mulheres-da-noite” começam a chegar a seus respectivos territórios, para “batalhar” nas calçadas.

Essas áreas, descontinuadamente utilizadas pelos territórios da prostituição, são formadas por diferentes conteúdos como a Fundação de Amparo ao Menor de Rua Joaquim Murtinho, Hospital da Cruz Vermelha, redação do jornal *O Dia*, predominância de salas de escritórios e casas comerciais, como as de antigüidades, material elétrico, gráficas, supermercados, bares e casas de *shows* como o Asa Branca, Circo Voador e Fundação Progresso, juntamente com prédios residenciais e antigos casarões (hoje transformados em “cabeças-de-porco”). Cumpre mencionar que a rua Frei Caneca é especializada no comércio de material de construção, contando também com uma das gafeiras mais tradicionais da cidade – o Elite Clube. Há, também, os locais destinados, de um modo geral, à prostituição em locais fechados, como apartamentos onde funcionam casas de massagem ou agências especializadas nesse tipo de atividade, além de boates, cabarés, como o Casanova e hotéis de alta rotatividade.

O dia-a-dia dos(as) prostitutas(as) nas ruas da Lapa os associam à rotina dos motoristas de táxi, pois ambos compartilham itinerários imprevistos, com traços comuns de praticidade, atenção e presença de espírito. Ambos atores vivem exatamente de relações impessoais e fugazes. Segundo Silva (1993, p.66), a “atenção permanente, à cata de

cliente, ou cautela contra os riscos, lhes conferem um olhar altivo e esquadrinhador. Sobre saltos altos operam varreduras nas calçadas, no asfalto, nos automóveis”. Nesse sentido, tais locais de passagem, com grande movimento de automóveis, são muito disputados pelos travestis porque os clientes motorizados pagam melhor pelos seus serviços.

Para Silva (op. cit., p.87), há “todo um circuito de relações que liga os meninos de rua, ladrões, policiais, travestis, traficantes e o pequeno comércio informal em torno de alguns princípios de convivência”. Entre todos esses atores se estabelece uma confiança mútua advinda de uma série de numerosos e minúsculos contatos de rua. Segundo Barsetti (74/94), nas proximidades dos Arcos da Lapa a situação de periculosidade é bastante elevada.

#### **4.5. Praça Paris, avenida Augusto Severo e imediações**

O território dos travestis, conforme observado no mapa, se estende pelos lados esquerdos, do sentido do tráfego, das ruas Teixeira de Freitas, da Lapa e pequeno trecho das ruas da Glória e Moraes e Vale, e ainda predominando na avenida Augusto Severo até o Beco das Carmelitas e imediações da praça Paris. A “batalha pelo ponto” e a busca pelos clientes, diariamente, iniciam-se a partir das dezenove horas, quando os festivos travestis, provenientes de diferentes bairros do Rio de Janeiro, formam seu respectivo território. Cria-se, assim, uma rede de relações entre os clientes motorizados e os travestis, que disputam palmo a palmo, os espaços desse território, configurado a partir dos anos 70. Nesta área convivem diferentes conteúdos representados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), agência do Banco do Brasil, casas comerciais, como a tradicional Hollas, especializada em aluguel de roupas, Associação Cristã de Moços (ACM), Colégio Estadual Deodoro da Fonseca, além de uma sauna (Rio Antigo) e de inúmeros bares, restaurantes e hotéis de alta rotatividade (nas ruas transversais à avenida Augusto Severo), juntamente com prédios residenciais, onde se mesclam populações de diferentes matizes.

O importante aqui é diferenciar o contraponto existente entre o dia e a noite dessa área. O dia é caracterizado pelo ir e vir de automóveis e ônibus, ligando os bairros da zona sul ao centro da cidade, crianças e moradores que se dirigem para a escola ou para os diferentes afazeres, tendo em vista o local ser um “divisor de águas” entre o Aterro do Flamengo, o Passeio Público e o bairro residencial da Glória. À noite, principalmente na avenida Augusto Severo, a maquiagem é trocada. Já não existem crianças, nem moradores, que são substituídos pelos travestis, com seus trajés sumários e seus trejeitos, correndo de um lado para o outro, ora pela presença da polícia, que procura imprimir uma certa ordem, ora pela presença da clientela motorizada. Para aqueles que passam, a rua se transforma em uma verdadeira vitrine de corpos desnudos.

#### 4.6. Castelo e Via Ápia

Este território foi, no passado, o “berço” da cidade, concentrando nas partes baixas do antigo morro do Castelo, um grande número de “casas de tolerância” e bordéis exclusivos de prostituta. Com as reformas urbanas ocorridas na gestão Carlos Sampaio, em 1920, como parte das comemorações do centenário da Independência do Brasil, o material de desmonte da citada elevação serviu de aterro para o futuro parque Brigadeiro Eduardo Gomes (Aterro do Flamengo) e o bairro da Urca. Nesta área surgiram outras construções que abrigam setores de serviços e de gestão. Posteriormente a essa mudança de conteúdos, uma nova territorialidade de prostituição começou a ser gestada em suas ruas, a masculina, que se subdivide em duas áreas bem definidas: a parte do Castelo – abrangendo as ruas Santa Luzia, nas proximidades da sede do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e nos fundos da Igreja de Santa Luzia, e Antônio Carlos, além da avenida Nilo Peçanha e adjacências, onde se localiza o Terminal Rodoviário Menezes Côrtes – e a área da praça XV de Novembro, nas proximidades do Terminal Rodoviário Alfredo Agache, rua General Justo até as imediações do Aeroporto Santos Dummont, e na avenida Marechal Câmara. Nessa área encontram-se os museus Histórico Nacional e da Imagem e do Som, a Santa Casa de Misericórdia, a Igreja de Nossa Senhora de Bonsucesso, o Ministério da Aeronáutica, agências bancárias

diversas, Petrobrás, Presidência do IBGE, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), além da existência de bares, restaurantes e salas de escritórios.

Esses dois territórios são temporalmente muito bem marcados, ou seja, durante o dia, há um predomínio dos setores de serviços e gestão, com grandes afluência de pessoas que utilizam, em sua maioria, os terminais hidroviário e rodoviário localizados na praça XV de Novembro. O terminal hidroviário faz a ligação entre o centro da cidade com a ilha de Paquetá e os municípios de Niterói e São Gonçalo, enquanto o Terminal Rodoviário Alfredo Agache possui pontos finais de ônibus municipais e intermunicipais. Além do terminal rodoviário existe um outro, o Menezes Côrtes, que interliga, através de ônibus tipo “frescões”, a área central à zona oeste e aos municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro, como Maricá, Niterói, Guaratiba, e aos da região serrana, como Petrópolis e Teresópolis.

À noite e, principalmente, em véspera de feriados e finais de semana, algumas ruas dessas áreas se transformam em territórios da prostituição. Onde antes existia o predomínio de homens de paletós e gravatas, agora existe no lado esquerdo de algumas vias públicas, os prostitutas “viris”, de feições sérias, que flanam de *jeans* justos e rasgados para realçar seus corpos atléticos, ou os travestis em menor número, com seus rostos e corpos “fabricados” à base de silicone e similares e suas roupas de mulher. Os “michês” desta área são figuras não-efeminadas, identificados pelo tipo do homossexual ativo e/ou macho, que utilizam como chamariz de sua virilidade o órgão genital seguro em suas mãos. Trata-se de um território típico de prostituição masculina no Rio de Janeiro, de alta periculosidade, tanto para o “michê”, como para o cliente, e conhecido e afamado mundialmente no mundo *gay*. A área do Castelo, que era constituída eminentemente pelos “michês”, hoje vem sendo ocupada por alguns travestis provenientes, provavelmente, da casa de *shows* Boêmio, situada à rua Santa Luzia, com clientela composta predominantemente por *gays* e travestis.

A chamada Via Ápia (rua Santa Luzia, depois da Santa Casa da Misericórdia, imediações do Museu Histórico Nacional e proximidades da praça XV de Novembro) difere do Castelo por ser uma área eminente-

mente de passagem de automóveis e da prostituição “viril” ou de “michês”. A característica principal desse território é o poder apresentado em seu processo diário de contração e expansão; pois se, durante o dia, desaparece, em meio às atividades voltadas, principalmente, ao setor de prestação de serviços; à noite torna-se território dos “michês” e superpondo-se a este, em áreas mais restritas, outros territórios, caso verificado hoje, nas proximidades do Museu Histórico Nacional e Santa Casa da Misericórdia, onde se encontra um depósito de papéis a céu aberto, com concentração elevada de catadores. Em recente pesquisa de campo, constatou-se a diminuição da prostituição nesse espaço. Praticamente está havendo uma contração e desaparecimento desse território, explicado em grande parte pela atuação da polícia civil, que “achaca” não só os “michês”, mas, principalmente, os clientes que o freqüentam. A tendência é de os rapazes de programa procurarem novos territórios, caso verificado no Castelo, onde se reproduz hoje o que vinte anos atrás encontrava-se na Via Ápia – a presença de inúmeros clientes motorizados à cata dos “michês” que migraram para este local.

#### **4.7. Praça Mauá**

A praça Mauá e cercanias são áreas típicas e tradicionais de prostituição exclusivamente feminina do centro da cidade, sendo que durante o dia caracteriza-se por ser uma área de serviços, de comércio eminentemente atacadista, em função da proximidade do Porto do Rio de Janeiro. As imediações da praça Mauá destinam-se ao uso residencial, baseada em população de baixo poder aquisitivo, que, não tendo capital para manter a aparência de suas moradias, deixam-nas se deteriorar fisicamente, estigmatizando a área, com uma imagem de pobreza, vício, prostituição e crimes. Nesse local situam-se vários pontos finais do ônibus intramunicipais. Encontram-se, também, em suas adjacências o Primeiro Distrito Naval, os hospitais dos Servidores e de Psiquiatria do Estado, a maternidade Pró-Matre, o posto da Polícia Federal, além de empresas ligadas diretamente ao transporte marítimo e de importação.

A territorialidade da prostituição nessa área desenvolveu-se a partir da mudança do Porto do Rio de Janeiro para o local, atraindo estabeleci-

mento do comércio atacadista, grande número de pessoas, além das atividades portuárias cotidianas. A presença constante de marinheiros de diversas nacionalidades e de turistas fizeram surgir hotéis de alta rotatividade que servem também de hospedagem temporária às prostitutas e aos seus clientes.

Esse território está voltado, completamente, para as atividades desenvolvidas na praça Mauá e nos seus cabarés, boates e bares. Nesses estabelecimentos há, durante o dia e à noite, *shows* eróticos, com cenas ao vivo de sexo explícito. À noite, observam-se algumas prostitutas circulando pela praça Mauá a fim de atrair clientes para as casas de *shows*, bem como para os hotéis de alta rotatividade nas suas imediações.

## 5. À GUIA DE CONCLUSÃO

A área central é considerada como o local do intercâmbio econômico, assim como espaço da vida simbólica e do lazer, estruturada na superposição de diferentes conteúdos, como os de moradia, comércio, serviços de representação e financeiros e, também, de prostituição.

A prostituição nos espaços públicos do Rio de Janeiro se estabelece, na maioria das vezes, em territórios, onde se identificam singularidades e especificidades que os legitimam dentro de seu contexto. Tais territórios possuem diferentes escalas, conteúdos e significados, representados ora pela efervescência e agitação dos transeuntes, como no Passeio Público e Cinelândia e o da Central do Brasil, ora como espécie de refúgio ou esconderijo, como no Castelo e na Via Ápia.

Para uma grande parte da sociedade, essas áreas estão associadas a verdadeiros “territórios do medo” e da segregação, onde a rua torna-se um local dos mais hostis, acontecendo, cotidianamente, violências, brigas, assaltos e assassinatos.

A prostituição, como é público e notório, não se restringe apenas aos espaços públicos. Embora não seja objeto deste estudo, convém frisar que este fenômeno desenvolve-se também em recintos que funcionam como verdadeiros prostíbulos modernizados, onde é possível se encomendar uma pessoa-mercadoria, tanto pessoalmente, como através

do telefone, como verificado nas saunas, casas de massagem e agências especializadas nesse tipo de serviço.

Os territórios da prostituição acompanham a dinâmica da própria cidade na qual estão inseridos e, uma vez estabelecidos, podem se sedimentar durante algum tempo, tendendo à expansão caso aumente a procura do comércio do prazer. Da mesma forma, podem-se fragmentar em decorrência de invasões de outros grupos sobre a área, ou mesmo da intervenção dos poderes instituídos, como a polícia, os políticos e o poder municipal, e mesmo do poder “marginal” representado pelo narcotráfico, levando, em alguns casos, à sua extinção em uma área e/ou o seu reaparecimento em outra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A NOTÍCIA. Travecos sim, mas machos também. *A Notícia*. Rio de Janeiro. 10 ago. 1993. Show e Esportes. p.5.
- BACELAR, Jeferson Afonso. (1982). *A família de prostituta*. São Paulo/Salvador: Ática/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1992. (Coleção Ensaios, 87).
- BARCELLOS, Sérgio (1993). Com a palavra, o michê. *Nós por exemplo*. Rio de Janeiro: Leviatã, set./out, 1982. p.8-9.
- BARSETTI, Sílvio. Gays - o roteiro oficial. *O Dia*. Rio de Janeiro, 7 abr. 1994. Polícia. p.14.
- CARNEIRO, Marcelo. Crimes assustam mundo dos 'gays'. *O Dia*. Rio de Janeiro, 30 jan. 1994. Polícia. p.14
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios n.714).
- \_\_\_\_\_. Meio ambiente e metrópole. In: MESQUITA, Olindina Vianna; SILVA, Solange Tietzmann (coord.). *Geografia e questão ambiental*. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Geografia, 1993. p.25-30.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: 2 - O uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- LOURENÇO, Luiz Carlos. A degradante vida marginal dos meninos travestidos. *O Globo*. Rio de Janeiro, 3 abr. 1994. p.12.

- MACHADO, Mônica Sampaio. *A territorialidade pentecostal: um estudo de caso em Niterói*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- O DIA. Roteiro 'gay' cruza a cidade. *O Dia*. Rio de Janeiro, 30 jan. 1994. Polícia. p.16.
- PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PECHMAN, Robert Moses. A invenção do urbano: a constituição da ordem na cidade. In: PIQUET, Rosélia; RIBEIRO, Ana Clara Torres (orgs.). *Brasil: território da desigualdade. Descaminhos da modernização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991. p. 121-133.
- PEREIRA, Raimundo Rodrigues. Em busca da infância perdida. *Veja*. São Paulo: Abril Cultural, 16 mar. 1994, ano 27. n.11. p.66-75.
- PERLONGHER, Néstor O. *O negócio do michê – A prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. Trad. de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890-1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SACK, Robert David, *Human territoriality - its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1992.
- SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.
- SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas... – A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992.
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Trad. da 2. ed. inglesa Vera Ribeiro; revisão técnica de Bertha Becker, Lia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

